



C A P Í T U L O 11

NARRATIVAS DO CUIDADO DE SI: FOUCAULT E A FORMAÇÃO HUMANA COMO DISCURSO CULTURAL E EDUCATIVO

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.21525151011>

Márcio Andrade Borges

Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Educação.
Vitória, ES, Brasil.

Flávia Maria de Lucas

Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Educação.
Vitória, ES, Brasil.

Sônia Lopes Victor

Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Educação.
Vitória, ES, Brasil.

Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado

Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-graduação em Educação.
Vitória, ES, Brasil.

RESUMO: Este capítulo reflete sobre a formação humana sob a ótica de Michel Foucault, articulando o conceito de cuidado de si e seu atravessamento pelo conhecimento como práticas discursivas constitutivas da subjetividade. A partir de uma análise bibliográfica, busca-se compreender de que modo o pensamento foucaultiano permite repensar a educação e a linguagem como espaços de resistência, liberdade e autoconstrução. O texto dialoga com autores como Veiga-Neto, Gallo e Carvalho, explorando a dimensão ética e cultural do cuidado de si na constituição do sujeito moderno. Defende-se que a formação humana, longe de ser um processo neutro, constitui-se em campo de disputas simbólicas e narrativas que expressam relações de poder e de saber.

PALAVRAS-CHAVE: Formação Humana; Foucault; Cuidado de Si; Discurso; Subjetividade.

NARRATIVES OF SELF-CARE: FOUCAULT AND HUMAN FORMATION AS CULTURAL AND EDUCATIONAL DISCOURSE

ABSTRACT: This chapter reflects on human formation from Michel Foucault's perspective, articulating the concept of self-care and its intersection with knowledge as discursive practices that constitute subjectivity. Based on a bibliographic analysis, it seeks to understand how Foucaultian thought allows us to rethink education and language as spaces of resistance, freedom, and self-construction. The text dialogues with authors such as Veiga-Neto, Gallo, and Carvalho, exploring the ethical and cultural dimension of self-care in the constitution of the modern subject. It argues that human formation, far from being a neutral process, constitutes a field of symbolic disputes and narratives that express relations of power and knowledge.

KEYWORDS: Human Formation; Foucault; Self-Care; Discourse; Subjectivity.

INTRODUÇÃO: A FORMAÇÃO HUMANA E O PODER DAS NARRATIVAS

A formação humana é, antes de tudo, um processo discursivo e cultural. Formar-se implica narrar-se, reinscrever-se continuamente nos jogos de poder e saber que atravessam as práticas sociais. A educação, nesse sentido, não se reduz à transmissão de conteúdos, mas constitui um espaço privilegiado de produção de sentidos e subjetividades.

Este capítulo tem origem em um trabalho desenvolvido no contexto de um seminário de disciplina da pós-graduação e reelabora, em formato de ensaio teórico, uma reflexão sobre a formação humana a partir da filosofia de Michel Foucault. Por tratar-se de uma experiência acadêmica específica, não se pretende aqui estabelecer diálogo com a totalidade da produção dos autores que contribuíram para o desenvolvimento deste texto, mas sim propor uma leitura situada, marcada pelas interlocuções e discussões próprias do espaço formativo em que foi produzido. Mais do que interpretar o filósofo, busca-se aproximar suas ideias do campo das linguagens e dos discursos, compreendendo o cuidado de si como narrativa cultural e ética que atravessa a história da educação e a constituição do sujeito.

O presente ensaio resulta de pesquisas sobre a vida e a obra de Foucault, bem como sobre suas relações com a formação humana, a educação e o conhecimento. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, baseada na análise de livros, artigos acadêmicos, entrevistas e documentos relacionados ao tema. O objetivo principal é investigar como as ideias do autor contribuem para a compreensão dos processos de formação humana, tanto no âmbito educacional quanto em outros espaços sociais.

Michel Foucault é amplamente reconhecido por suas análises das instituições modernas – prisão, hospital, escola e família – e pelos modos como elas disciplinam corpos e organizam o saber. Contudo, sua obra ultrapassa a crítica das estruturas de poder: ela propõe modos de pensar a liberdade, a ética e o autogoverno. Ao deslocar o olhar para o sujeito e suas práticas de si, Foucault nos convida a refletir sobre como nos formamos e de que maneira o conhecimento nos atravessa.

As contribuições foucaultianas para compreender a formação humana e a educação são significativas e justificam sua escolha como referência teórica. O autor investigou como o poder opera na sociedade e como as instituições moldam os indivíduos. Em *Vigiar e Punir* (1975), analisou a formação do sujeito, a disciplina, a vigilância, a normalização e os mecanismos de controle social, evidenciando como as instituições produzem conhecimentos e práticas que configuram identidades e comportamentos.

Nas aulas ministradas no Collège de France entre 1978 e 1979, Foucault apresentou o conceito de biopolítica, relacionado à formação humana, explicando como o poder do Estado se estende para além do controle jurídico, alcançando a gestão da vida e do corpo dos indivíduos. Por meio da governamentalidade, o poder molda modos de percepção, comportamento e relação consigo e com os outros.

Embora Foucault não tenha escrito um tratado específico sobre formação humana, sua obra como um todo aborda amplamente o tema, explorando as formas pelas quais as instituições e práticas sociais modelam identidades e condutas. Para ele, a formação não é um processo natural ou universal, mas uma construção social e cultural atravessada por relações de poder. Essa concepção desafia a ideia de que formar é sempre um ato benigno, revelando-o também como dispositivo de sujeição e controle.

A noção de biopoder amplia essa análise ao mostrar que o poder se manifesta não apenas por meio de instituições políticas, mas através de sistemas de regulação que disciplinam corpos e mentes conforme normas e valores dominantes. Tais dispositivos incluem estruturas como a família, a escola, o sistema penal, a medicina e os meios de comunicação, que moldam identidades, desejos e comportamentos.

Entretanto, a formação humana, para Foucault, não se reduz a um processo de opressão. Ele reconhece que sempre há brechas e possibilidades de resistência nos sistemas de poder, e que a formação pode também ser espaço de autotransformação e libertação. Assim, compreender o poder é também abrir caminhos para a liberdade.

Em síntese, Foucault analisa a formação humana como um processo complexo e multifacetado, influenciado por relações de poder e dispositivos sociais. Sua reflexão oferece uma perspectiva crítica e provocadora sobre como os sujeitos são moldados

pela sociedade, ao mesmo tempo em que destaca a importância da resistência e do cuidado de si. As noções de poder, saber e sujeito permitem repensar as práticas educacionais e promover uma educação mais crítica e emancipatória.

É nesse ponto da pesquisa que se dá o encontro com a filosofia provocativa de Foucault, enriquecida pelas leituras de Alfredo Veiga-Neto, Maura Corcini Lopes, Daniel Junqueira Carvalho e Sílvio Gallo, que interpretam o cuidado de si como prática de liberdade. Esse diálogo convida a refletir sobre como conduzimos nossa formação e de que modo o conhecimento nos atravessa.

Por fim, reconhece-se que este ensaio não pretende estabelecer contrapontos com autores que se aproximam da teoria foucaultiana, nem com aqueles que partem de outras bases teórico-epistemológicas, nem mesmo pretende esgotar as possibilidades de investigação sobre Foucault e a formação humana na educação. Ainda há muito a explorar – das implicações éticas e políticas de suas ideias às críticas e limitações de suas abordagens. Espera-se, contudo, que esta reflexão contribua para ampliar o debate sobre a importância de Foucault na compreensão e transformação dos processos formativos humanos.

O texto se organiza a partir das três perguntas que, segundo Deleuze (2005), sintetizam o pensamento foucaultiano: “Que posso saber?”, “Que posso fazer?” e “Quem sou eu?”. A partir delas, delineiam-se três eixos: o saber como construção histórica, a ação como prática de liberdade e o sujeito como narrativa cultural.

O QUE POSSO SABER? O CUIDADO DE SI COMO SABER E LINGUAGEM

Iniciar uma pesquisa sobre Foucault é despojar-se de certezas e permitir que o pensamento se mova entre rupturas e deslocamentos. O filósofo francês, ao investigar a história da sexualidade e das formas de governo de si, resgatou na Antiguidade o conceito de *epiméleia heautoû* – o cuidado de si – como prática filosófica e política.

A célebre máxima socrática “Conhece-te a ti mesmo” traz consigo a ideia do cultivo de si em um sentido mais amplo, relacionado não apenas ao cuidado do corpo, mas também à atenção à mente e à cultura. Em Foucault, essa máxima ganha novo contorno: conhecer-se é um gesto de escuta e atenção, um exercício contínuo de relação entre corpo, mente e mundo. O cuidado de si, portanto, não é introspecção egoísta, mas atitude ética que vincula o sujeito à comunidade e à vida coletiva. Em seus estudos, Foucault evidencia a relação entre o conhecer-se e o cuidar de si, mostrando como essa articulação contribui para a construção da subjetividade.

Os antigos estoicos, como lembra Foucault (1994), praticavam exercícios de si que envolviam não apenas o corpo, mas também a alma – a escrita, a leitura, o diálogo e a meditação eram modos de organizar o pensamento e constituir uma

forma de existência. A educação, nesse contexto, era compreendida como um dispositivo de autocondução: formar-se implicava tornar-se capaz de cuidar de si para cuidar do outro. Nesse sentido, Foucault (1994) observa que “em toda a filosofia antiga o cuidado de si mesmo foi considerado, a um tempo, como um dever e como uma técnica, uma obrigação fundamental e um conjunto de procedimentos cuidadosamente elaborados”.

Nota-se, portanto, que desde a Antiguidade as pessoas se colocam no mundo de maneira atenta, em posição de olhar para si internamente, com a intenção de construir uma forma de existir preocupada consigo e com os outros. Essa preocupação com o outro fica evidente quando Foucault mostra que, na Grécia antiga, o cuidado de si possuía uma dimensão essencialmente comunitária. Tratava-se de cuidar-se bem para cuidar da cidade – preparar o indivíduo não para se isolar, mas para integrar-se e fortalecer as relações sociais em benefício da vida coletiva.

O que Foucault buscava com essa investigação era compreender como, ao longo do tempo, as pessoas foram se constituindo como sujeitos e cidadãos no mundo, revelando que esse processo percorre e continuará a percorrer múltiplos caminhos.

Para o filósofo, existem três modelos de cuidado de si: o platônico, ligado ao saber e à reminiscência; o cristão, centrado na confissão e na renúncia de si; e o helenístico, voltado à prática, à escuta e à conversão interior. Este último modelo, segundo Deleuze (2005, p. 103),

“seria como um novo eixo, distinto ao mesmo tempo do eixo do saber e do poder. Eixo no qual se conquista uma serenidade? Uma verdadeira afirmação de vida? Em todo o caso, não é um eixo que anula os outros, mas um eixo que já atuava ao mesmo tempo que os outros e os impedia de ficarem presos num impasse.”

O modelo helenístico, cujo cerne está em “converter-se a si”, é descrito por Foucault (2004, p. 230) como:

“O terceiro esquema é precisamente aquele que foi posto em prática e desenvolveu-se no decurso dos últimos séculos da era antiga e dos primeiros séculos da nossa era. Sua forma nem é a reminiscência nem a exegese. Diferentemente do modelo platônico, ele não identifica cuidado de si e conhecimento de si nem absorve o cuidado de si no conhecimento de si. Ao contrário, tende a acentuar e privilegiar o cuidado de si, preservando-lhe pelo menos a autonomia em relação ao conhecimento de si, cujo lugar, como veremos, é afinal limitado e restrito. Em segundo lugar, diferentemente do modelo cristão, o modelo helenístico não tende, absolutamente, à exegese de si nem à renúncia a si, mas, ao contrário, a constituir o eu como objetivo a alcançar.”

É possível, portanto, inferir que o cuidado de si envolve criar relações consigo e com os outros que possibilitem o reconhecimento mútuo das diferenças, sem depender de um código de ética fixo que governe a forma de agir. É a partir dessa perspectiva que Foucault provoca o pensamento sobre a vida na diferença.

Assim, o cuidado de si, enquanto prática discursiva, torna-se um modo de narrar a própria vida – um gesto de liberdade pelo qual o sujeito se constitui ao enunciar-se, ao refletir sobre suas ações e valores. O saber, então, deixa de ser mera acumulação de verdades e passa a ser uma experiência ética e estética de si no mundo.

O QUE POSSO FAZER? A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

Pensar a educação como instrumento de cuidado de si é reconhecer que o ato de ensinar e aprender envolve a criação de espaços de autonomia e resistência. Gallo (2020) propõe compreender a educação como modo de se cultivar, deslocando o foco do ensino conteudista para a formação integral do sujeito. Para o autor, “se pensarmos a educação como um desses instrumentos de cuidado de si, podemos então pensar a educação como um modo de cultivar-se a si mesmo”.

A instrumentalização da educação é possível desde que o processo educativo seja concebido não apenas como transmissão de saberes, mas como experiência formativa, voltada à construção de sujeitos capazes de refletir sobre si e sobre o mundo. Superar a lógica da educação estritamente conteudista implica compreendê-la como processo de cultivo, formação e autoconstrução por meio do conhecimento.

Para Veiga-Neto (2011, p. 15), “foi Foucault aquele que melhor nos mostrou como as práticas e os saberes vêm funcionando, nos últimos quatro séculos, para fabricar a Modernidade e o assim chamado sujeito moderno”. Foucault (2013), em *Vigiar e Punir*, demonstrou que a escola moderna foi estruturada como dispositivo de disciplinamento – com horários, avaliações, vigilância e normalização dos corpos. Contudo, o filósofo também nos ensina que, onde há poder, há resistência. A liberdade emerge nas brechas do cotidiano, nos gestos mínimos em que o sujeito escolhe cuidar de si e do outro.

Para que a educação se torne efetivamente um processo de construção humana, é necessário ultrapassar a concepção da escola como espaço de moldagem de identidades e comportamentos mediante práticas de dominação. A escola deve ser compreendida como lugar de formação e emancipação, no qual o indivíduo possa se afirmar como sujeito autônomo e crítico.

A liberdade, portanto, apresenta-se como condição essencial para a prática do cuidado de si. O sujeito que cuida de si é capaz de se afirmar como autônomo e independente das convenções sociais. Sobre essa liberdade, Veiga-Neto (2011, p. 22) explica:

“Se Foucault quer alguma liberdade, não é, como queria Kant, para ‘purificar-se dos erros e avançar mais no caminho do esclarecimento’. Foucault nos fala de uma liberdade que chamo de homeopática, concreta, cotidiana e alcançável nas

pequenas revoltas diárias, quando podemos pensar e criticar nosso mundo. Assim, ele quer ser útil para nós:

“Meu papel – mas esse é um termo muito pomposo – é o de mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que pensam ser; que elas têm por verdadeiros, por evidentes, alguns temas que foram fabricados num momento particular da história, e que essa suposta evidência pode ser criticada e destruída.”

Veiga-Neto denomina essa liberdade de *homeopática*: não grandiosa ou abstrata, mas concreta e cotidiana. Ser livre, nessa perspectiva, é duvidar das verdades que nos moldam e reconhecer que o que parece evidente é, na verdade, produto histórico. Foucault (1994) afirmava que seu papel era mostrar que “as pessoas são muito mais livres do que pensam ser”.

Se conhecer a si mesmo pressupõe doses diárias de libertação, cabe questionar: a tarefa do educador resumir-se-ia à transmissão de saberes? Ao compreender o educador como sujeito do cuidado de si, desloca-se também o sentido de educar. A palavra *educere*, do latim, significa conduzir para fora – libertar, desvelar, guiar. Assim, o educador é aquele que conduz o estudante ao exercício do pensamento, ajudando-o a descobrir-se. Cuidar do outro, nesse sentido, é gesto ético e político que requer igualmente o cuidado de si: “só cuida do outro quem cuida de si”.

Preparar a formação dos estudantes pressupõe, portanto, cuidar da própria formação. Ao mesmo tempo em que cuida do outro, o educador cuida de si, e esse movimento abre espaço para que cada estudante também entre em processo de autoconhecimento e cuidado. Essa é uma perspectiva que compreende a educação como processo de cuidado de si, em que cada sujeito aprende a lidar com seu corpo, sua mente e sua existência da melhor forma possível.

Essa abordagem ganha especial relevância em contextos de exclusão e diferença. Carvalho (2023), em sua tese *A instrução na educação de surdos produzida na modernidade*, demonstra que o cuidado de si pode ser compreendido como prática emancipatória. Ao estudar professores surdos dos séculos XVIII e XIX, o autor revela como esses sujeitos se conduzem como filósofos (de si), professores (dos outros) e políticos (do coletivo). A metáfora do mito da caverna, retomada por Carvalho, ilustra o movimento de ascensão ao conhecimento e o retorno solidário à comunidade.

Uma das críticas mais recorrentes a essa teoria recai sobre o contexto neoliberal contemporâneo, no qual o cuidado de si pode ser capturado por discursos de individualismo e autocentrismo, transformando-se em narcisismo. Permitir tal deslocamento é ceder à lógica de uma cultura controladora. Gallo (2020) alerta que o educador deve tratar o tema com cautela, assegurando que o cuidado de si seja compreendido como processo de autoconhecimento em diálogo com a vida coletiva.

Na mesma direção, Carvalho (2023) retoma, em sua tese de doutorado *A tríplice condução de surdos professores*, a noção foucaultiana de cuidado de si para discutir as práticas de governamento e autogoverno entre docentes surdos. Inspirado na filosofia antiga, o autor demonstra que esses professores atuam simultaneamente como filósofos (condutores de si), educadores (condutores dos outros) e políticos (condutores do coletivo).

Foucault (1994, p. 355) afirma que “em toda a filosofia antiga o cuidado de si mesmo foi considerado, a um tempo, como um dever e como uma técnica, uma obrigação fundamental e um conjunto de procedimentos cuidadosamente elaborados”. Dialogando com a teoria platônica, Carvalho recupera o *Mito da Caverna*, no qual o homem que vive na escuridão decide buscar a luz, tornando-se filósofo. Ao retornar para libertar os que ficaram, ele torna-se também educador e político – aquele que pensa o bem comum e conduz os outros ao conhecimento.

Nessa perspectiva, a educação deixa de ser espaço de dominação e se converte em lugar de resistência simbólica, no qual a palavra, o gesto e o discurso tornam-se práticas de liberdade.

QUEM SOU EU? O SUJEITO E A NARRATIVA DE SI

Ao final dessa reflexão, é importante evidenciar que nunca esteve nos planos de Foucault criar teorias duras ou assertivas. Ele não pretendeu fundar uma escola nem ser um modelo a seguir; buscou, antes, provocar e instigar o leitor a utilizar o conhecimento de forma livre das convenções e ideias estabelecidas, em busca da melhor forma – pessoal e singular – de constituir-se como sujeito social. “Não escrevo para ser o último”, afirmou, “mas para que outros livros sejam possíveis” (Foucault, 1994). Essa postura epistemológica revela o valor político e humano de sua obra: pensar é sempre um ato de criação.

Veiga-Neto (2011) compara o pensamento foucaultiano a um *coquetel molotov*: não uma teoria estática, mas um conjunto de ferramentas a serem usadas e abandonadas após o uso. A metáfora expressa com precisão a ideia de que o conhecimento não deve aprisionar, mas libertar. Destaca o autor:

“como um instrumento, uma tática, um coquetel molotov, fogos de artifício a serem carbonizados depois do uso... não existe um método foucaultiano, não existe também uma teoria foucaultiana, se entendermos ‘teoria’ como um conjunto de proposições logicamente encadeadas, que querem ser abrangentes, amplas e unificar tanto determinadas visões de mundo quanto maneiras de operar nele e de modificá-lo” (Veiga-Neto, 2011, p. 17–18).

O levantamento bibliográfico realizado neste estudo revela que a produção científica brasileira tem, em larga escala, utilizado o pensamento foucaultiano como ferramenta para discutir a formação humana, especialmente no campo educacional.

Deleuze (2005) sugere que cada fase da obra de Foucault corresponde a um problema central colocado pelo filósofo, que pode ser sintetizado em três perguntas: “Que posso saber?”, “Que posso fazer?” e “Quem sou eu?”. Com base nesse questionamento, este ensaio propôs, em um primeiro momento, uma pesquisa arqueológica sobre os saberes que tratam da formação humana na perspectiva foucaultiana; em seguida, apresentou o conceito de *cuidado de si* e suas implicações para a educação, como forma de refletir sobre o que pode ser feito; e, por fim, buscou provocar o leitor a interrogar-se: “Quem sou eu?”.

Nessa perspectiva, compreendemos o *cuidado de si* como ferramenta essencial para a construção do sujeito moderno – um cuidado que transcende o corpo e envolve também a mente e o conhecimento. Foucault nos convida a pensar como o saber nos atravessa e como elaboramos as informações que recebemos na construção de nossa identidade e de nossa inserção social.

As contribuições de Gallo (2020) ajudam a entender que a tarefa do educador é cuidar do outro, mas que esse cuidado só se efetiva quando o próprio educador cuida de si. Cuidar de si é, portanto, condição ética para cuidar do outro, para ser um sujeito melhor e promover o desenvolvimento do outro em sua própria trajetória de autoconhecimento.

Por fim, a tese de Carvalho (2023) – com o conceito de *tríplice condução* – evidencia como o *cuidado de si* atua, há séculos, na formação de professores surdos, apresentando a verdade e o conhecimento como mecanismos de iluminação. Esses sujeitos transitam do lugar de filósofos (detentores de saberes) para o de professores e políticos, na medida em que ensinam e conduzem outros à luz do conhecimento.

O sujeito foucaultiano é, assim, uma construção narrativa: constitui-se nas relações entre discurso, poder e saber. Não é essência, mas processo. Na perspectiva das ciências da linguagem, o discurso do *cuidado de si* pode ser lido como forma de autorrepresentação, em que o indivíduo produz sentidos sobre sua existência e se inscreve na cultura por meio da palavra e da prática.

Desse modo, a formação humana torna-se uma prática discursiva de subjetivação: o sujeito aprende a narrar-se, a refletir sobre si e a se reinventar. É nesse movimento que a linguagem adquire papel central – ela não apenas comunica, mas constitui. O “eu” foucaultiano é efeito de discurso, resultado das múltiplas vozes e regimes de verdade que o atravessam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CUIDAR DE SI, NARRAR O MUNDO

As reflexões apresentadas neste capítulo revelam que o pensamento de Michel Foucault oferece caminhos fecundos para compreender a formação humana como prática cultural, discursiva e ética. O cuidado de si emerge como narrativa de resistência, contrapondo-se às forças que buscam normalizar os sujeitos e reduzir a educação à mera reprodução.

Cuidar de si é, portanto, um ato político. É reconhecer-se como parte de um tecido social e simbólico em constante movimento. É aprender a ouvir, refletir e criar formas de viver em comum. Na contemporaneidade, marcada por tecnologias de controle e discursos normativos, esse gesto se torna ainda mais urgente.

O professor, o pesquisador e o estudante são chamados, nesse contexto, a assumir a tarefa ética de narrar-se de outro modo – a construir histórias que não apenas descrevem o mundo, mas o transformam. Como sugere Foucault, “o papel do pensamento é abrir o espaço para que outros pensamentos sejam possíveis”.

A formação humana, nesse sentido, é uma arte de viver e narrar: cuidar de si para cuidar do outro; conhecer-se para compreender o mundo; educar-se para libertar-se.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, D. J. **A instrução na educação de surdos produzida na modernidade**: a tríplice condução de surdos professores. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Espírito Santo, 2023.

DELEUZE, G. Foucault. Tradução de Claudia Sant’Anna Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é a filosofia? Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, M. A hermenêutica do sujeito. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, M. Ditos e escritos V: ética, sexualidade, política. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir. Tradução de Raquel Ramallete. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

INSTITUTO CLARO. Pensadores na educação: Foucault e as relações de poder. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/H7VuqKEXdB4>. Acesso em: 4 dez. 2023.

VEIGA-NETO, A. Foucault & a educação. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.